

RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau - *Las acuñaciones provinciales romanas de Hispania* (Bibliotheca Numismatica Hispana; 8). Madrid: Real Academia de la Historia, 2010. ISBN 978-84-96849-99-0.

Ao folhearmos esta monografia do Professor Ripollès, todos os encómios que lhe possamos endereçar nunca serão suficientes, já que estamos perante o corolário, desejavelmente provisório na perspectiva de todos os que admiramos o seu labor, de uma brilhante e profícua carreira científica de cerca de três décadas quase inteiramente devotada à numismática hispânica da Antiguidade.

Assinale-se desde já que a obra em apreço (adiante abreviada como *APRH*) constitui em grande parte uma versão corrigida e aumentada, traduzida para espanhol, da secção hispânica do admirável *RPC I*, elaborada pelo mesmo autor.

Na introdução (pp. 13–35), Ripollès apresenta-nos uma esclarecedora e actualizada síntese dos mais diversos aspectos que caracterizam as cunhagens hispânicas posteriores à morte de César.

Segue-se o catálogo, que ocupa mais de 250 páginas (pp. 37–294), no qual o autor descreve com extrema minúcia 485 tipos, quase todos ilustrados por fotos de uma qualidade irrepreensível.

A seguir à bibliografia (pp. 297–304), figuram uns completos e utilíssimos índices relativos a cecas (p. 307), legendas (pp. 308–316), nomes pessoais (pp. 317–319), tipos (pp. 320–323) e contra-marcas (pp. 324–326).

Não podemos deixar de enaltecer o facto de a harmonia entre a forma e o conteúdo ser total, já que nenhum pormenor da apresentação gráfica do volume foi deixado ao acaso. Se muitos outros méritos não lhe fossem reconhecidos, estaríamos sempre perante um objecto de inegável valia estética. Permitimo-nos salientar as preciosas estampas a cores, distribuídas ao longo do livro em quatro grupos de oito, que ilustram alguns dos exemplares mais bem conservados.

Apesar da extensão da obra, não foi tarefa fácil encontrar matéria susceptível de merecer uma recensão que se quer crítica; vejamos, pois, quais os (raros) pontos em que nos afastamos das perspectivas expressas pelo autor, quase todos eles, curiosamente, circunscritos ao tratamento da ceca de *Ilici*.

Fazendo-se eco da ortodoxia vigente, Ripollès (p. 140) não vacilou um só momento em desenvolver as abreviaturas da identificação da ceca de *Ilici* (*APRH* 192–193) como *C(olonia) I(ulia) IL(ici) A(ugusta)*. cremos, contudo, que Ripollès deveria, neste particular, ter feito uso de uma maior prudência, já que outras duas soluções se nos afiguram exequíveis para a descodificação da segunda letra: *Immunis* (Agustín, 1587, p. 291; Faria, 2006, p. 222) e *Iunonia* (Faria, 2006, p. 223). Deste modo, se, ao arripio da tese tradicional recentemente retomada por Olmos (2007–2008, p. 214), há motivos suficientes para questionar a designação completa de *Ilici* como *colonia Iulia Ilici Augusta* (Faria, 2006, p. 222), não se conhece, em contrapartida, um só indício de que a dita cidade tenha sido alguma vez oficialmente denominada *colonia Iulia Augusta Ilici*, designação que Le Roux (2010, p. 70, n. 48) avaliza sem hesitações.

Sem embargo de algumas discrepâncias, reflectidas na historiografia, relativas à fixação do exacto ano em que a colónia de *Ilici* foi fundada, é praticamente certo que esta teve lugar, não na primeira (p. 140), mas na segunda metade do século I a.C. (Faria, 2006, p. 223; Abascal, 2006 [2009], pp. 68–70), em todo o caso, seguramente antes de 14 a.C. (*contra*, Cooley, 2009, p. 176).

Em contraste com a excessiva ousadia a que acima aludimos, cremos que Ripollès poderia ter ido um pouco mais longe na interpretação da legenda *C C IL A*, gravada nos semisses *APRH* 189–191, tendo-se limitado a assinalar (p. 140) que *Concordia* poderia eventualmente constituir a segunda palavra abreviada na dita sigla. Independentemente de outras possibilidades de desdobramento, tais como *Caesarea/Caesarina*, *Caelestis*, *Coniuncta* ou *Contributa* (Faria, 2006, pp. 220–223),

nada obsta a que a série de quatro abreviaturas corresponda a *C(olonorum) C(oloniae) IL(icis) A(ugustae)*, de preferência a *C(oloni) C(oloniae) IL(icis) A(ugustae)* (García y Bellido, 1962, p. 372), proposta de leitura que García-Bellido & Blázquez (1995, pp. 393, n. 8, 395, n. 61) distorceram inadvertidamente para *C(olonii) C(oloniae) I(llicis) A(ugustae)*. Em divergência com a opção tomada por Ripollès (pp. 142–143), o desdobramento agora alvitrado implicaria que a legenda do reverso dos semisses em causa apresentasse a seguinte configuração sintáctica: *L(ucio) MANLIO / T(ito) PETRO(NIO) / II VIR(is) / C(olonorum) C(oloniae) / IL(icis) A(ugustae)*. De resto, a comparência do nome da colónia, não no início, mas no fim da legenda do reverso repete-se no asse *APRH* 194b e no semisse *APRH* 195, ambos pertencentes à mesma emissão tiberiana: *T(itus) COELIVS PROCVLVS M(arcus) AEMILIVS SEVERVS / Q(uinquennales) I(uliae?) / I(licis) A(ugustae)*, exactamente o oposto do que preceitua Ripollès (p. 144).

Caso não trate de uma *sportula* (Torelli, *apud* Ramos & Uroz, 1992, p. 99 e n. 17), o tipo que se encontra reproduzido no anverso do semisse *APRH* 187 (p. 142) poderá corresponder, não a um, mas a dois *simpula* sobrepostos, de dimensões diferenciadas, dotados de pegas afrontadas; daí, provavelmente, a disparidade de tamanhos que estas últimas evidenciam. O mesmo tipo parece figurar em moedas de *Liberalitas Iulia Eborae*, *Iulia Traducta* e *Colonia Patricia* (Faria, 2007a, p. 307). Importa assinalar que não seriam estas as únicas representações monetárias de dois *simpula* afrontados (mas não sobrepostos), ocorrendo esta tipologia nos reversos de uma escassa emissão de denários da responsabilidade de Gaio António (*RRC* 484/1).

Ao invés do que postula Ripollès (p. 156), não se justifica de maneira nenhuma a atribuição à ceca de *Tarraco* do epíteto *Iulia* (Faria, 2006, p. 214). Aliás, Ripollès não usou do mesmo critério quando tratou da ceca de *Augusta Emerita*, ao omitir da respectiva designação, acertadamente, o *cognomentum Iulia*, consignado em diversos documentos epigráficos datáveis de momentos posteriores ao fabrico de moeda emeritense (Faria, 2006, pp. 212–215).

Terminamos estes nossos comentários com algumas observações sobre o índice de nomes pessoais.

“Cel. Palud. M.” (p. 318) não pode naturalmente coexistir com “Gels. Palud. M.” (p. 318), devendo esta identificação, pertencente a um duúviro de *Turiaso* (*APRH* 419), substituir a primeira.

“Stati. Libo., Cn.” (p. 319), prefeito mencionado numas moedas cuja ceca permanece por identificar (*APRH* 483), deve substituir “Stati. Libo, Cn.”.

Voltemos à ceca de *Ilici*, para manifestarmos a nossa discordância com Ripollès relativamente à interpretação de *Settal*, *cognomen* de um duúviro ilicitano (*APRH* 196–197) como estando completo (p. 318).

Há mais de vinte anos que havíamos classificado *SETTAL* como um *cognomen* de filiação ibérica, não-abreviado, dada a pertinência, dificilmente questionável, da associação que estabelecemos entre este e o presumível NP **setaliCe** (*MLH* III 2 F.17.2) (Faria, 1994a, p. 68, 1994b, p. 46, n.º 204). Nesta ocasião, porém — independentemente da bondade da relação de parentesco que cremos ter descoberto entre *SETTAL* e **setaliCe** < \**Settalicos*? —, entendemos que é mais razoável incluí-lo na onomástica céltica, uma solução que já havia sido preconizada por Albertos (1966, p. 206), que se apoiava numa leitura errada (*SETAL*) ao analisar o NP em apreço como um derivado do radical *set-*. Pensamos, no entanto, que não será esta a exegese mais adequada, devendo *SETTAL* abreviar *SETTAL(us)*, um NP composto que resulta da combinação das bases célticas *sed-* (Evans, 1967, pp. 253–254; Delamarre, 2007, p. 231) e *talu-* (Evans, 1967, pp. 259–260; Delamarre, 2007, p. 233). É precisamente na contiguidade dos fonemas /d/ e /t/ que reside a explicação para a geminação que se verifica em *SETTAL(us)*, a exemplo do que sucede com numerosos NNP dotados do prefixo intensivo *ad-*, designadamente *ATTACCONI* (dat.) (\**Ad-tacco-n*), *ATTAIORIG(is)* (gen.)

(\**Ad-tāio-rix*) (Delamarre, 2007, p. 31), ATTALVS (\**Ad-talu*), ATTAVILLA (\**Ad-tailla*), ATTECIVS (\**Ad-tec-*), ATECTIVS (Evans, 1967, p. 130), ATTICIL(L)A (Falileyev, 2007, p. 48), ATTICVS (Delamarre, 2007, p. 32; Falileyev, 2007, p. 48) e ATTIGANVS (\**Ad-tīg-ano-*) (Delamarre, 2007, p. 32).

A argumentação esgrimida por Llorens (1987, p. 36) no sentido de interpretar SETTAL como *cognomen* completo não nos parece procedente. Assevera esta numismata que “SETTAL (...) deve estar completo porque también lo está el *cognomen* [CELER] de su colega”. Independentemente da existência de exemplares que, ao exibirem a abreviação CEL(er) (APRH 196a), desmentem a asserção citada, se o raciocínio a ela subjacente fosse válido, ter-se-ia de encarar de igual modo como completo o *nomen* SESTI, pertencente ao colega de \**Settalus*, em conformidade com IVLIVS, que corresponde ao *nomen* deste último.

Finalmente, o *cognomen* *Salpa*, usado por um pretor duúviro de *Lepida* (p. 186, n.º 264), é tido como nominativo (p. 319), mas seria, quanto a nós, demasiada coincidência que este *hapax* nada tivesse que ver com a onomástica ibérica (*contra*, Rodríguez, 2007 [2008], p. 105). Por conseguinte, nesta oportunidade, persistimos em considerá-lo ablativo de um *cognomen* detentor daquela origem linguística, \**salbas* ou, com menor grau de probabilidade, \**śalbas* (Faria, 1994a, p. 70, 1994b, p. 53, n.º 328, 1995, p. 328, 1996, p. 171, 2000a, p. 138, 2000b, p. 64, 2002a, p. 129, 2002b, p. 238). Se assim for, *Salpa* terá forçosamente de dar lugar a \**Salpas*. No entanto, em último caso, estamos na disposição de admitir que *Salpa* configurará um *Deckname* latino em nominativo (no caso verterente, um nome de assonância) criado a partir de \**salbas* ou \**śalbas*. Caso seja aquela a forma primitiva, o primeiro elemento repetir-se-ia no NP **salager** (Faria, 1994a, p. 70, 1995, p. 328, 2004, p. 289). Por outro lado, não pode ser excluída a criação de um eventual *Deckname* *Salpa* a partir do segmento ibérico **śalbi(r)**, atestado nos NNP **śalbib[---]** (MLH III 2 F.9.2; Faria, 1990–1991, p. 77, 1994a, p. 68, 2000a, p. 138, 2002a, p. 134, 2004, p. 309), **śalbiriaí** (Broncano, 1989, pp. 96, 100, n.º 15; Faria, 1990–1991, pp. 77, 80, 87, 2000a, p. 138, 2002a, pp. 128, 134, 2004, p. 309) e **śalbitas** (MLH III 2 G.15.1; Faria, 1990–1991, pp. 77, 87, 1994, p. 68, 2000a, p. 138, 2000b, p. 63, 2002a, p. 134, 2004, p. 309). Tão-pouco poderá ser rejeitada uma relação do supracitado NP com o antecessor do NL basco medieval *Çalba/Çalua*, documentado a partir do século XIII (Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 439).

Como é evidente, as divergências acima assinaladas em nada deslustram o inextinguível fulgor da obra acima comentada. Estamos, aliás, perante mais uma prova, a acrescentar a tantas outras, de que, tal como afiançávamos há alguns anos (Faria, 2005, p. 630), “a numismática da Hispânia antiga não tem quaisquer segredos para o professor Ripollès”.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (2006) [2009] - Los tres viajes de Augusto a Hispania y su relación con la promoción jurídica de ciudades. *Iberia*. Logroño. 9, pp. 63–78.
- AGUSTÍN Y ALBANELL, Antonio (1587) - *Dialogos de medallas inscripciones y otras antiguedades*. Tarragona: Felipe Mey.
- ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999<sup>2</sup>) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996<sup>1</sup>). Pamplona: Pamiela.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, Santiago (1989) - *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- COOLEY, Alison E., ed. (2009) - *Res gestae divi Augusti*. Cambridge [etc.]: Cambridge University Press.
- DELAMARRE, Xavier (2007) - *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- EVANS, David Ellis (1967) - *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.

- FALILEYEV, Alexander (2007) - *Celtic Dacia: personal names, place-names and ethnic names of Celtic origin in Dacia and Scythia Minor*. Aberystwyth: CMCS Publications.
- FARIA, António Marques de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, pp. 73-88.
- FARIA, António Marques de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 65-71.
- FARIA, António Marques de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, pp. 33-60.
- FARIA, António Marques de (1995) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, pp. 323-330.
- FARIA, António Marques de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 149-187.
- FARIA, António Marques de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, pp. 121-151.
- FARIA, António Marques de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 61-66.
- FARIA, António Marques de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, pp. 121-146.
- FARIA, António Marques de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, pp. 233-244.
- FARIA, António Marques de (2004) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 273-315.
- FARIA, António Marques de (2005) - [Recensão de] RIPOLLÈS ALEGRE, P. P. - *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia, Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 630-635.
- FARIA, António Marques de (2006) - Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 211-237.
- FARIA, António Marques de (2007a) - [Recensão de] BURNETT, A. M.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P.; CARRADICE, I. - *Roman Provincial Coinage. Supplement 2* < [http://www.uv.es/~ripolles/rpc\\_s2](http://www.uv.es/~ripolles/rpc_s2) > [consulta de 14 de Março de 2007]. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:2, pp. 306-315.
- FARIA, António Marques de (2007b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 209-238.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, María Cruces (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), pp. 381-427.
- GARCÍA Y BELLIDO, Antonio (1962) - Las colonias romanas de *Valentia*, *Carthago Nova*, *Libisosa* e *Ilici*: aportaciones al estudio del proceso de romanización del S.E. de la Península. In *Homenaje al profesor Cayetano de Mergelina*. Murcia: Universidad, pp. 367-372.
- LLORENS FORCADA, María del Mar (1987) - *La ceca de Ilici*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- OLMOS ROMERA, Ricardo (2007-2008) - *Ex Ilice dictum*. La fundación mitológica de la *Colonia Iulia Ilici Augusta*. *Rendiconti della Pontificia Accademia Romana di Archeologia*. Roma. 80, pp. 193-215.
- RAMOS FERNÁNDEZ, Rafael; UROZ SÁEZ, José (1992) - Ilici. In COARELLI, Filippo; TORELLI, Mario; UROZ SÁEZ, José, eds. - *Primer Congreso Histórico-Arqueológico Hispano-Italiano: conquista romana y modos de intervención en la organización urbana y territorial (Elche, 26-29 octubre 1989)* [*Dialoghi di Archeologia*. Roma. Terza Serie. 10:1-2, 1992]. Roma: Quasar, pp. 95-104.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] - Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. Sagunto. 41, pp. 75-114.
- RPC I = BURNETT, Andrew; AMANDRY, Michel; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the death of Caesar to the death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RRC = CRAWFORD, Michael H. (1974) - *Roman republican coinage*. London; New York, NY: Cambridge University Press.

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA